

O PRESENTE

George Parler

Era a nossa vez de abrir os presentes naquela manhã de Natal.

A sala de visitas já estava coberta de papéis dilacerados pelas crianças, ávidas por verem os tesouros escondidos que as atormentaram por quase um mês. Agora, nós, os adultos, estávamos sentados ao redor da sala com os presentes a nossos pés, retirando lentamente os papéis de presente e, ao mesmo tempo, controlando nosso instinto infantil e tentando manter a dignidade diante dos adultos.

Minha esposa, Brenda, e sua família tinham o costume de trocar presentes cômicos. Isto sempre me deixava um tanto embaraçado no Natal ou no meu aniversário, sem saber que tipo de brincadeira me aguardava sob o papel de presente.

Uma de minhas filhas, Christy, com seis anos na época, estava sentada bem à minha frente. A euforia do momento reluzia em seu rosto. Ela se controlava ao máximo para não me ajudar a rasgar o papel de cada presente. Finalmente, chegou a vez de abrir o último.

E, com meu talento natural de Sherlock Holmes, deduzi que aquele deveria ser o presente cômico, porque com a família de minha esposa não havia a pergunta "se"; a pergunta era "quando". Com todos os olhares fixos em mim, decidi ir em frente - só para dar a eles a oportunidade de uma boa gargalhada - e rasguei o papel. E lá estava o presente... um aviãozinho de brinquedo com cerca de cinco centímetros de comprimento. Nossos convidados começaram a rir quando olhei para minha esposa com um sorriso malicioso e disse:

- Um aviãozinho de brinquedo? Faça-me o favor!

Brenda lançou-me aquele olhar - um olhar que sempre me dizia para eu me "mançar." Antes de abrir o presente, não li o nome escrito no cartão colado no papel. Quando peguei o papel do chão e li o nome, meu coração ficou despedaçado. No cartão, estavam escritas as seguintes palavras, com letras de criança: "Para o papai. Com amor, Christy." Nunca me senti tão desprezível como naquele momento.

Uma das experiências mais angustiantes de minha vida foi olhar para aquele rostinho e ver a alegria ser substituída por uma expressão de total constrangimento e humilhação. O medo em seus olhos revelava uma leve esperança de que ninguém descobrisse que o presente que seu pai havia achado tão ridículo foi dado por ela.

Aquela criança encantadora gastara o dinheiro que poderia ter sido usado para comprar objetos pessoais. Mas ela preferiu comprar um presente de Natal para o seu pai. E aquele não era um presente qualquer. Ela me viu brincar no computador com jogos que simulavam voos e deduziu que eu era fascinado por aviões.

Ajoelhei-me rapidamente e a abracei com todas as minhas forças, desejando dar tudo o que eu tinha para retirar aquelas palavras. Fiz uma débil tentativa de explicar que achei que o presente tinha partido da mamãe e, ao perceber que me enganei, as coisas mudaram de figura. Porém, nada do que eu dissesse poderia eliminar a mágoa daquele

coraçõzinho. Eu precisava encontrar uma maneira de provar o que estava dizendo.

E provei. Peguei o aviãozinho de brinquedo e comecei a movimentá-lo, imitando o som do motor de um avião. Taxiei com ele na pista - o balcão da cozinha - e acelerei ao máximo para ele levantar voo. Meu objetivo era apagar a tristeza do rosto de minha filha - provocada por mim - e continuar até que o sorriso retornasse.

Brinquei o dia inteiro com o aviãozinho. Dediquei tanta atenção a ele que as outras crianças deixaram seus brinquedos de lado para brincar com meu aviãozinho de cinco centímetros. E, igual a uma criança egoísta, eu dizia:

- Não, este aqui é meu!

Não demorou muito para que o rostinho de Christy voltasse a sorrir. Mas não parei por ali. O aviãozinho tornou-se um tesouro de grande valor para mim, e continua a ser até hoje, porque eu ainda o guardo comigo.

Guardo aquele aviãozinho principalmente porque ele me foi dado com muito amor por minha filha. Mas ele também me faz lembrar do poder das palavras.